Eixo 1 — Infâncias, culturas e direitos humanos

PANDEMIA E INFÂNCIA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BRINCAR COMPARTILHADAS POR CRIANÇAS E FAMÍLIAS

Alexsandra Wanderley de Santana[1]

Viviane de Bona[2]

O presente trabalho sintetiza a pesquisa desenvolvida no âmbito de Iniciação Científica, financiada pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). Considerando que o brincar traz benefícios no âmbito social, afetivo e cognitivo para o desenvolvimento da criança que interage com o mundo a partir do imaginário que as brincadeiras proporcionam (Sarmento; Ferreira, 2017; Froebel, 1887) e que o período pandêmico interrompeu diversas atividades humanas de serem realizadas, o estudo buscou analisar as representações sociais do brincar durante a pandemia da Covid-19, compartilhadas por crianças e familiares de escolas municipais da cidade do Paulista–PE. Utilizamos como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978), que identifica o universo imagético, compartilhado pelos sujeitos, que orienta práticas e condutas sociais. A pandemia da Covid-19 redefiniu o cotidiano da população, que para enfrentar tal cenário precisou se adaptar, ocasionando a ampliação do uso de tecnologias digitais por crianças, tanto para fins escolares quanto de lazer. Assim, investigar como crianças e famílias significaram o ato de brincar nesse contexto tornou-se essencial para compreender impactos educativos, emocionais e socioculturais. Com caráter qualitativo que explora a complexidade da experiência humana (Bogdan; Bilklen, 1994), a pesquisa foi composta por 33 crianças que foram convidadas a construir um desenho comentado sobre o brincar na pandemia, bem como por 83 familiares/responsáveis que responderam a um questionário contendo perguntas sociodemográficas e acerca do brincar e das tecnologias. Todos os/as participantes pertenciam a duas escolas públicas municipais do Paulista-PE, em localidades distintas. Os critérios utilizados para escolha dos/as participantes foram: crianças matriculadas prioritariamente nas turmas de 4° e 5° ano dos anos iniciais com faixa etária entre 9 e 11 anos, e seus familiares. Ressaltamos que a investigação foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa e os cuidados éticos como preenchimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e

[1] Estudante de pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, alexsandra.wanderley@ufpe.br.
[2] Doutora em educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil, viviane.bona@ufpe.br.

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), foram executados. A análise dos dados foi conduzida pela análise de conteúdo temática (Valle, Ferreira, 2025), que possibilitou organizar as produções infantis em seis categorias: (1) espaços de brincar; (2) tipos de brincadeiras; (3) presença ou ausência de outras pessoas; (4) atividades distintas; (5) emoções expressas; e (6) uso de telas. Observou-se que muitas crianças vivenciaram o brincar principalmente dentro de casa, frequentemente sozinhas, em função das restrições sanitárias. Apareceram sentimentos de solidão, tédio e tristeza, revelados tanto nos desenhos quanto nos comentários escritos. As tecnologias digitais — celulares, tablets, televisões e videogames — surgiram com força, desempenhando papel central em grande parte das produções. Ainda assim, o brincar tradicional não desapareceu. Em muitas produções, as crianças representaram brincadeiras como bola, pipa, amarelinha, banho de quintal e leitura. No que diz respeito aos familiares, as respostas apontaram que, embora reconheçam o aumento no tempo de tela, ainda valorizam fortemente brincadeiras tradicionais. Houve um empate no que diz respeito do uso dos dispositivos eletrônicos como uma forma de brincar, tendo em vista que metade dos participantes considerou que dispositivos eletrônicos podem ser uma forma de brincar, especialmente quando associados a jogos educativos, aprendizagem ou diversão supervisionada. A outra metade rejeitou essa ideia, defendendo que brincar envolve movimento, interação social e criatividade fora das telas. As justificativas dos familiares foram agrupadas em três dimensões: (1) uso das telas como forma de brincar e aprender, quando vistas como ferramentas lúdicas e educativas; (2) uso restrito à aprendizagem, quando entendidas apenas como instrumentos pedagógicos; e (3) prejuízos associados ao uso de telas, quando apontadas como causadoras de distração, vício, estresse ou isolamento. As percepções negativas dialogam com preocupações contemporâneas, como o Decreto nº 12.385/2025, que regulamentou a restrição do uso de celulares em escolas brasileiras (Brasil, 2025). Com isso, podemos refletir a partir de dois pontos: as brincadeiras tradicionais são importantes e não podem ser substituídas pelas tecnologias digitais, ao mesmo tempo que vivemos na era digital e essas tecnologias podem e são benéficas no aprendizado das crianças. A pesquisa conclui que o brincar na pandemia foi múltiplo, adaptado e resiliente. As crianças reelaboraram suas vivências com outras formas de brincar apesar das limitações colocadas. As tecnologias digitais, de certa forma, funcionaram, mas não substituíram completamente o brincar presencial. Destaca-se a importância da mediação familiar para equilibrar práticas lúdicas digitais e tradicionais, preservando o brincar como direito, expressão e forma de comunicação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar, Pandemia, Tecnologias.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto no 12.385, de 18 de fevereiro de 2025. **Regulamenta a Lei no 15.100, de 2025, e trata da restrição do uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou o intervalo entre as aulas, para todas as etapas da educação básica.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 fev. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanheoplanalto/noticias/2025/02/decreto-presidencial-regulamenta-restricao-de-uso-de-celular-por-estudantes-nas-escolas. Acesso em: 3 jun. 2025.

FROEBEL, F. The education of man. New York: **D. Appleton and company,** 1887.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SARMENTO, Teresa; FERREIRA, Maria Clara. **O brincar na infância é um assunto sério.** Universidade do Minho; Porto Editora, 2017.

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 41, p. e49377, 2025.